

A OPINIÃO

BI-SEMANARIO REPUBLICANO
Direcção de MANOEL MARINHO

Manifesto da produção de azeite

Serão autuados todos os produtores de azeite, do concelho de Braga que até ao dia 15 do corrente não façam o respectivo manifesto na secção da Policia Administrativa dessa cidade.

avençado

Preparação republicana

NOVOS MÉTODOS A SEGUIR
INDISPENSÁVEL PROPAGANDA

Tudo indica que entraremos em regimen legal a breve espaço de tempo, embora a condimentação do novo processo representativo esteja ainda dependente dum prévio estudo. Interessando a todos nós este aspecto da questão política nacional, obriga que lhe dediquemos uma grande atenção no sentido dum estudo preparativo para as surpresas que podem surgir. E' muito natural, e até absolutamente admissível que, a convocação de colégios eleitorais seja precedida duma intensa propaganda de programas doutrinários e, talvez mesmo, de partidos constituídos já, ou a organizar de futuro.

Ora isto demanda o colacionamento dos vários problemas que interessam ao país e que, sobretudo, exigem pronta realização. E não só quanto a assuntos de necessidade geral, mas sim também dos que se impõem como aspiração parcial de cada localidade.

O recrutamento representativo, quer do futuro Parlamento, quer dos Municípios, não deve ser feito *ad hoc* ou à mercê das antigas clientelas que, em regra, escolhem os mais nulas e insignificantes para, numa subserviente acção de corpo presente, a tudo acederem como os carneiros de Panúrgio.

Além disso uma escolha assim feita mais não significa que a vontade de uma dúzia de assambarcadores de consciências ou hipotéticos conductores de homens.

E exactamente esse defeito eleitoral é que muito se combateu no velho regimen monárquico, sendo certo à sua continuidade dentro da República devermos a maior parte das amarguras políticas que temos passado.

Há necessidade de conseguir-se um eleitorado

consciente, com aspirações próprias e com o seguro conhecimento do papel que vai a desempenhar perante a urna. E' preciso que o eleitor pondere e saiba a norma de responsabilidade contraída no momento em que dá o seu tributo ao sufrágio nacional.

Como nunca, nesta hora, torna-se inadiável o regresso à intensa e formidável propaganda que antecedeu a proclamação da República.

O povo precisa conhecer directamente os homens que lhes apresentam como candidatos aos logares de mais alta representação nacional; e, não só conhecê-los, como ainda ouvir-lhes as ideias e os planos com

(Segue na 2.ª pagina)

O movimento de Fevereiro de 1927

Encontram-se suspensos no Tribunal Militar Especial do Porto os julgamentos de oficiais e sargentos acusados de tomarem parte no movimento de Fevereiro de 1927.

Há ainda muitos para julgar, mas não se encontram na metrópole.

Alguns oficiais que ainda estão para julgar e que pertenciam ás guarnições de Amarante e Guimarães e que se encontram com residência fixada em vários pontos do país, só serão submetidos a julgamento depois de concluídos os processos que lhes foram instaurados por deserção.

O processo brevemente a julgar é o que abrange grande número de oficiais, sargentos presentes na metrópole, ausentes nas colónias e no estrangeiro.

Polvora Africana
para caça e minas
ESTANQUEIRO -- Francisco José de Souza -- Rua D. Antonio Barroso 49 a 53
BARCELOS

Este n.º de «A Opinião» foi visado pela Comissão de Censura

UMA GRANDE CATASTROFE NA ILHA DA MADEIRA

40 mortos na horrivel tempestade

Em Lisboa receberam-se os seguintes telegramas e outras informações:

«Funchal, 6—Hoje, em S. Vicente, caiu grande «quebrada», soterrando várias casas. Calculam-se mais de 100 mortos. Preparo socorros.—(a) Governador Civil».

Por outras noticias posteriores:

«Durante o dia choveu torrencialmente, tendo desabado uma barreira (uma «quebrada», como se diz habitualmente na Madeira) de 15 metros de altura. As chuvas continuam provocando grossas cheias. Devido á catastrophe, morreram 100 pessoas, tendo já sido encontrados cinco cadáveres».

Mais informies recebidos durante a noite:

«As derrocadas em S. Vicente continuam, estando quasi todas as estradas destruidas. Não é facil, por enquanto, calcular os prejuizos».

«FUNCHAL, 7 — Calcula-se em 40 o numero de victimas da catastrophe de S. Vicente, tendo o temporal arrasado 11 predios. A invernia continua, estando as estradas obstruidas por efeito das chuvas. Ao local chegam constantemente brigadas de socorro.

O mar já arrojou á costa mais alguns cadáveres.

«Funchal, 7—A povoação de Vargem ficou totalmente destruida, perdendo-se, por isso, todas as culturas. Das pessoas que foram levadas pela corrente das aguas só uma se salvou.

Estão confirmadas cerca de 40 mortes. Ficaram soterradas 11 casas e 100 palheiros, morrendo aproximadamente 100 cabeças de gado.»

A' Margem Do Dia

A continuação de «dos milagres». A sua flagrante mentira. Opinião dos «doutores» da Igreja. Como a lenda se esfarralha. O «placet» de Roma. Um milagre a menos. Uma mãe que resa enquanto o fogo lhe queima e mata quatro filhos. Catastrofe horripilante. A mentira «milagreira» tornada em rendosa exploração. : : : : : : : : :

TANTOS tem sido os «milagres» pregoados, a mais, que agora aconteceu um a menos.

Qualquer fenomeno de cura de loença teimosa ou demorada ou qualquer manifestação de acentuado histerismo, serve á ignara exploração para ser acoimada de «milagre». O assunto vai, porém, avolumando-se de proporções que até a propria Igreja sente a necessidade de lhe opôr um dique, não vá o escandalo generalisar-se tanto que se transforme em absoluta incredulidade.

Os «milagres», como a moda ou como as estações anuais, teem também as suas fases proprias e saem na «ordem do dia», conforme as eventualidades de oportunismo.

Durante um demorado período estiveram como o ouriço cacheiro ou como certos ofidios em sono hibernar, esquecidos numa gestação lemoradissima, mas que nos surgiu prolifera em demasia.

Quasi, dia a dia, tal qual anuncio das pirulas Pink, a pasta dentifrica Curaca, ou as mais variadas marcas de automoveis, não se abre um jornal que se não depare logo, em amplas parangónas, com mais um «milagre» a acrescentar á abundante curnocopia do taumaturgismo.

E os casos astraem como renitente dermatose ou á semelhança de mortifera epidemia em excepcionais períodos de endemica doença.

Em tempos remotos estabeleceu-se que «el milagro es la violación de las leys matematicas, divinas

inmutables y eternas... porque es imposible que el Sér infinitamente sabio establezca leys para violarlas... Además, Dios no hace nada sin motivo: ¿y qué razón puede haber para que desfigure por unos instantes su propia obra? » E' assim que nos fala Voltaire, grande filosofo e critico francez, na sua obra «Dicionário Filosofico».

E, diz-nos ainda: — De modo que suponer que Dios hace milagros, es insultarle, si es que los hombres pueden insultar a Dios; equivale a decir: Sois un sér debil e inconsecuente. Es pues, absurdo creer en los milagros y deshonorar en cierto modo a la Divinidad.»

Notemos que o sacerdote cristão Thomaz Woolston, doutor de Cambridge, num dos seus seis discursos contra os «milagres», afirma-nos «que la historia de Lazaro está tan llena de absurdos que San Juan estuvo desatinado cuando la escribió».

O proprio Sant' Agostinho contendo-nos, na «Ciudad de Dios», capitulo XXII, a aparição, em sonho, de S. Gervasio a S. Ambrosio, confessa que os «milagres» que se faziam já hoje se não fazem.

Não esqueçamos que até S. Crisostomo escreveu: «Los dones extraordinarios del espíritu se concedieron hasta a las personas más insignias, porque entonces la Iglesia necesitava hacer milagres; pero en la actualidad no se conceden esos dones ni a los personas más dignas, porque la Iglesia no los pueda resusitar muertos ni aun curar a los enfermos.»

Para argumentarmos nesta contestação tivemos o cuidado de procurar materia justificativa nas proprias autoridades da Igreja romana, sendo certo até que, esta, como se sabe, muitas vezes ha posto cobro á descarada exploração de muitos «milagres».

Ainda agora, segundo aquilo que relatam os jornais catolicos de Roma, o caso de Tereza Neumann, natural de Komerseuth (Baviera), episodio,—pelo que se conta—mui semelhante ao que sucedia a certa iluminada, de Ponte do Lima, que havia adquirido uma doença tropical, busando de certas manifestações utaneas da epiderme que gotejavam sangue em determinados períodos para as apresentar como «milagre», está dependente do julgamento do Ordinario de Ratisbona.

E o fenomeno apontado á espanhola «sorôr Amelia» recolhida dum convento de S. Paulo (Brazil), pelo extracto da imprensa do Vaticano, guarda autorisação papal para apropriado estudo psiquiatrico.

Vieram estes factos confirmar que á Igreja nem todos os «milagres» convem; tanto assim que esses extraordinarios fenomenos, não dependem do valor da sua realidade aparente, mas sim de certas e oportunas conveniencias, e ainda do classico «magister dixit» papal que fecha os assuntos em debate com esta maxima pontificia: Roma locuta est: enuosa finita est.

Ora um «milagre» ou o é por si, evidente, claro, palpavel, indiscutivel, sem contestação scientifica nem tese oposionista, ou nunca, o pode ser pela caprichosa e estudada conveniencia duma falivel confirmação venha lá de onde vier.

DEMISSÕES E NOMEAÇÕES

O considerado republicano e distincto engenheiro sr. Antonio Jordão Paiva Manso foi demittido do cargo de director da Escola Infante D. Henrique, do Porto.

Ao dedicado republicano sr. Joaquim Pinto de Lima foi dada a exoneração do logar de Commissario do Governo junto da Sociedade Anonima Electra del Lima, sendo substituido pelo tenente-coronel sr. Antonio Barros Rodrigues.

Os valiosos republicanos e antigos deputados, respectivamente independente, e lealista, srs. Drs. Antonio Pinto Meireles Barriga e José Carvalho dos Santos, fôram demittidos de Commissarios do Governo junto da Companhia dos Caminhos de Ferro da Beira Alta, estando já nomeado em substituição dum deles o tenente-coronel de engenharia sr. Augusto de Azevedo Lemos Esmeraldo de Carvalho.

Ao Reinaldo Ferreira

A NOSSA AMISADE SINCERA
A SOLIDARIEDADE DO NOSSO ESPIRITO

Reinaldo Ferreira, o consagrado «Reporter X», está nesta cidade hospede da família do nosso amigo e querido companheiro de imprensa Artur Roriz.



Porque se trata duma figura interessantíssima do meio jornalístico português e largamente conhecida extra fronteiras pelos seus raros predicados de notabilidade intelectual, muito a propósito vem falar da sua afirmada personalidade.

E' tarefa difícil? Sem dúvida que é. O distincto e culto novelista, escritor brilhantíssimo das mais variadas faculdades de espirito, possui condições intrinsecas que o fadaram para a amargurante profissão a que se votou. Mas, boa ou má, é a síntese primordial das suas aspirações e, sobretudo, a ga-

não pode andar à mercê de interesses secundários.

A política de administração a ensaiar logo que a fase ditatorial termine, não pode deixar de afirmar-se por um método ineludivelmente republicano e insofismavelmente democrata, a não ser que haja o propósito firme de eternizar uma luta que nos conduzirá, infalivelmente, à queda da República.

E' preciso gente nova com processos novos que actue fora de todos os contactos com inimigos da República; que não leve o eleitorado pela arreata como quem conduz uma récuca de cavalos; que execute um programa irreduzivelmente republicano sem transigências inadmissíveis; e que viva em constante contacto com o povo, falando-lhe, esclarecendo-o e recebendo as suas solicitações na pureza sublime duma insofismável Democracia. Assim é que estará certo; e, para isto, é que todos nos devemos preparar.

Salvato Moline

Depois, com uma retina que raro se ilude, fixa, conserva a côr, o aspecto, a nuance das coisas, modelando-as como um artista, na belesa excelsa das iluminuras dos segredos da sua penna excepcional, colorindo-as com a riqueza de imagens que só o seu cerebro sabe crear.

Todo ele é assim um artista, até nas preferencias mais comensuradas, na simplicidade da sua atitude, no trato intimo dos amigos, na afeição delicada e terna da sua alma emotivamente romantica, no seu coração meigamente meridional:

Mas, acima destas qualidades, tão elevadas como o seu character de homem, lá no fundo, num cantinho a que poderia chamar-se o sacrario da sua fé de crente, está uma alma que resce de arômas divinais, uma alma pletórica das mais santas intenções, do mais puro e persistente affectivismo.

Quem o conhecer de perto sabe quanto ele é grande em tudo: no trabalho que produz, nas obras que edita, nas maravilhas com que, dia a dia, nos brinda, na bondade congenita do seu modo de sêr.

Reinaldo Ferreira, embora exija a mais absoluta e completa independencia, já hoje se não pertence. Está preso, enfeudado, acorrentado á grande massa popular que o adora e lê num relampago, angustiada mesmo pela rapidez com que devora as suas crônicas ou novelas.

E quem creou tão altas como graves responsabilidades para com um publico que cativou e emocionou, não pode escusar-lhe um contacto diario, permanente, salutar e tonificante.

Neste pequeno preito de simpatia e admiração pelo seu talento, vai o desejo de que prossiga a sua obra de maravilha, mas, sobre tudo, vão beijos, muitos beijos, miriades de beijos para os seus formosíssimos filhinhos que tem de encaminhar na vida para um futuro que não seja menos adorado e illustre que o seu.

Reinaldo Ferreira, que tem vivido pelo cérebro e pelo espirito, tem hoje de viver pelo coração dos seus pequeninos que são carne da sua carne, alma da sua alma enorme, enlevo purificador das agruras da sua vida, como balsamo que alivia sofrimentos ou medicamento que tonifica esperanças num futuro rescedente de arômas e cheio de venturas.

RESTAURANTE CENTRAL
(ARANTES)
Come-se melhor e mais barato neste Restaurante do que em * * qualquer tásco. * *

«A Opinião» vende-se também avulsa nesta cidade * no Kiosque Guerrelro *

Preparação republicana

(Continuado da 1.ª pagina)

que projectam governar. São assim as verdadeiras Democracias e, só assim podem obter relativa e pacífica estabilidade os futuros Parlamantos.

A lição bem recente do que, ainda há pouco, se passou nos Estados Unidos da América do Norte na propaganda dos dois candidatos presidencialistas Hoover e Smith, oferecenos a perfeita representação da pureza doutrínaria republicana, principalmente nos sistemas como o nosso em que o governo do povo do próprio povo promana.

O partidarismo feroz, seguido dentro da República, com os mesmos vícios e defeitos da monarchia e, até por um avultado número de homens daí originários, arrastou-nos ao precipício político em que fomos cair, não com desprestígio do regimen, mas sim com apoucamento moral dos métodos e processos administrativos em parte adotados.

Os conselhos, ensinamentos e mesmo as próprias fórmulas basilares da República, tão apregoadas e prometidas no período da propaganda, tornaram-se quasi esquecidas como se fossem letra morta no velho programa republicano.

No primeiro período da vigência republicana, ainda o equilíbrio, filho do impulso anterior, se manteve em afirmações práticas de enorme valor cívico; porém, o desencadear de paixões, o ostracismo forçado e violento que foram votados os mais sinceros, competentes e apaixonados defensores da causa; e, sobretudo, a avalanche predominante de adeptos da última hora, tudo previerten, numa amalgama desastrosa e perigosíssima.

Ora, para que o exemplo se não repita, há que mudar de orientação chamando á actividade e ao exercicio das funções de direcção, desde os mais elevados aos mais inferiores organismos nacionais, os elementos republicanos de passado, afirmados por valor próprio, estejam êles em que campo partidário estiverem.

O futuro da República fala mais alto que todos os caprichos ou conveniências partidárias dos homens, e

Todos os fenomenos, estranhos ou surpreendentes á primeira vista, teem uma explicação que a sciencia demonstra e, até, amplas vezes ha explanado já.

Crasso saqueou o Templo; Adriano arrazou a cidade santa; António entregou a Judéa a Herodes; Tito assaltou Jerusalem; Pompeu apoderou-se dela; e, nem por isso, se executou o «milagre» que evitasse semelhantes violências tão ofensivas do poder divino.

Contemos, porém, agora, o «milagre» que a menos se realizou: Maria da Glória Xavier Ferreira, de 28 anos e seu marido o pedreiro Constantino Alves, de 30 anos, viviam, na freguesia de Lomar, de Braga, pobremente, é certo, num lar de alegria com 4 filhinhos entre a idade de 3 meses a 4 anos e meio que eram todo o enlevo de suas almas nas poucas horas que lhes sobravam da labuta diária.

No domingo, 24 do mês findo aquela amargura-lá mãe, depois de seu marido sair, ataviou-se e dirigiu-se à missa a que não faltava nunca, indo, na sua simples fé, pedir, talvez a bênção divina para aqueles pequeninos frutos do seu affectivo amor, e implorar vigor, trabalho e saúde. afim de os crear, lançando-os nas dolorosas contingências das incertezas que a existência nos reserva.

Mal que saiu da Igreja como que com a alma confortada pelo voto de devoção cumprido, espirito preocupado num mundo de esperanças para os seus pequeninos entes, depara com a modesta habitação onde vivia, em chamas, indo dar com aquelas desventuradas crianças, mortas, horrivelmente carbonizadas, quasi num montão de cinzas, defeito em pó o produto adorável das suas horas de amor.

Num relâmpago, como num sonho de enlouquecer, tudo por terra: lar em ruínas, os filhinhos da sua alma feitos em carne tsnada, todas as esperanças arrastadas, na dor inconsolável do seu despedaçado coração de mãe.

«Porque é que, em face de tantos «milagres» a todo o momento apregoados, o poder mist rioso que os faz não evitou a morte d'esses inocentes, que nem ao menos pecadores eram ainda?»

«Como se compreende que, a uma mãe que era crente, que se preocupou em não faltar aos seus deveres de devoção religiosa, quemim todas as fibras sensíveis e acrisoladas da alma, fazendo-lhe arder as quatro crianças, lançando-a na desgraça e na miséria, exactamente na hora em que evocava a Deus nas suas preces de fé?»

Razão tinha Augusto Gil para escrever na sua sublime «Balada da Neve»:

Que quem já é pecador
Sofra tormentos, enfim!
Mas as crianças, Senhor,
Porque lhes dais tanta dor?!...
Porque padecem assim?!...

Acabem pois com a mentira dos «milagres», porque, com isso, blasfemam contra Deus, tornando-o, pela omnipotência que lhe atribuem, bom para uns casos e mau, falível, e implacável para outros como este último que citamos.

Demais-a-mais interroga Voltaire, e, muito bem: «Pará qué habia de hacer Diós milagros? Para conseguir la realizacion de algun designo respecto de algunos seres vivientes. En ese caso Diós tendria que decir: No puedo conseguir con la creacion del Universo in con sus leyes eternas, realizar cierto designo; voy pues a cambiar mis leyes inmutables, para realizar lo que con ellas no puedo conseguir. Eso seria confesar su debilidad y el poco valor de su poder; eso seria la más inconcebible contradiccion.

A mentira dos «milagres» é grave para os que a espalham porque, como afirma Pope, *aquelle que diz uma mentira não calcula a pesada carga que põe em cima de si, pois tem de inventar uma infinidade de las para sustentar a primeira.*

Da difusão da mentira provém a indiferença que, segundo H. Lucas, cresce mais depressa que, junto às sepulturas, sobem os ciprestes e espalha-se silenciosa e penetrante, cavado a morte da creença como nos garante A. Herculano num dos seus grandes pensamentos.

ARGUS

A CIDADE

O caso da Repartição de Finanças

UM PEDIDO DE ESCLARECIMENTO

DIA A DIA

Tesourarias a concurso

Estão desde o dia 27 a concurso, por espaço de 15 dias, as tesourarias da Fazenda Pública dos concelhos de Aljezur, Castro Verde e Campo Maior, 3.ª classe, podendo requerer a sua transferência para estes concelhos os tesoureiros de qualquer classe, cujos requerimentos serão recebidos na Direcção Geral da Fazenda Pública dentro dos referidos 15 dias.

Imposto do selo

Foi para o «Diário do Governo» um decreto determinando que a Casa da Moeda, logo que receba as estampilhas do imposto do selo, mandadas recolher a que estabelecimento pelo decreto-lei n.º 16186, de 4 de Dezembro de 1928, bem como as estampilhas do imposto de selo da taxa de 45 centavos e as letras de taxas não consignadas no parágrafo único do artigo 3.º do citado decreto e que serão recolhidas ao mesmo estabelecimento até 31 de Março do corrente ano, aponha em todas as estampilhas as sobrecargas «estampilha fiscal 10 centavos» e nas letras a sobrecarga de «50 centavos», a fim de os mesmos valores selados serem novamente postos em circulação, pelo valor da respectiva sobrecarga, até à sua completa extinção.

Aos interessados

Os possuidores de boletins de registo de trabalho nacional (indústria) que constem das relações enviadas à secção da fiscalização dos impostos lêste concelho os quais, aliás, já foram avisados, devem, sem perda de tempo, dirigir-se à referida secção para selar os mencionados boletins com um selo de dez escudos, quando não tenham anos em atraso.

Extinto o prazo, a cobrança continuará sendo feita, mas já com a importância do selo em dobro.

Na mesma secção fiscal também se encontra a relação enviada pela circunscrição de Coimbra respeitante aos boletins de trabalho nacional (comércio), devendo, portanto, todos os comerciantes nela incluídos apresentarem os boletins para a sua selagem, desde já, até ao dia 15 do corrente mês.

Logares vagos de es- crivães e contadores

Foi tornado público que se encontram vagos os seguintes lugares de justiça: escrivão do primeiro officio da comarca de Vila Nova de Ourem (2.ª classe); escrivão do primeiro officio da comarca de Vila Pouca de Aguiar (3.ª classe); contador da comarca de Alenquer (2.ª classe); contador da comarca de Mértola (3.ª classe); contador da comarca de Aljô (3.ª classe), este último a preencher nos termos do artigo 335.º do referido Estatuto, visto existir na mesma comarca um contador substituído.

ontem recebida, se, por lapsos, não teríamos sido fieis, pouco mais ou menos, ao que se passou. A confirmação foi a nosso favor. Referimos este facto como simples reforço para a nossa consciência, visto o seu valor poder considerar-se muito relativo por o julgarem suspeito.

Todavia, para nós, foi importante e bastante.

Preço dos generos

No mercado semanal anti-ontem realizado nesta cidade, os generos foram vendidos por medida de 20 litros, aos seguintes preços: Milhos—Branco, 17\$00; amarelo, 17\$00; painço, 30\$00; centeio, 18\$00 e trigo, 25\$00.

Feijão — Amanteigado, 60\$00; branco, 52\$00; vermelho, 38\$00; moleiro, 32\$00; amarelo, 24\$00, e frade, 16\$00.

Batatas, 15 quilos, 15\$00; castanha, idem, 13\$00; cebolas, idem, 12\$00; nozes, cada quilo, 8\$50; ovos, dúzia, 4\$500.

Vinhos—Tinto velho 500 litros, 600\$00; novo, idem, 800\$00; e branco, idem, 1.100\$00.

Farmacia de serviço

Amanhã está de serviço permanente a farmacia do sr. Antero Faria.

Brindes

Da acreditada firma do Porto, de artigos graficos e papelaria, Polonio Bastos, Ld.ª, recebemos um lindo e artistico calendario para 1929.

Agradecemos a gentileza da oferta.

Por intermedio do nosso amigo sr. José Henrique dos Santos Terroso, habil representante nesta cidade da importantissima empresa de oleos e gasolina SHELL, The Libon Coal & Oil Fuel Co.ª Lth., recebemos uma interessante e pratica agenda de bolso para 1929.

Os nossos agradecimentos por tão delicada deferencia.

Teatro Gil Vicente

Realisaram-se nas noites de quarta-feira, quinta e ontem três espectaculos no nosso Teatro Gil Vicente, pela companhia de opereta e revista Holbeche Bastos e José Tavares, sendo representadas, nessas três noites, respectivamente a «Mouraria», opereta em 3 actos, «Chave d'Ouro», revista em 2 actos, e «Quem canta...», revista tambem em 2 actos.

O desempenho das três representações foi feito de modo a não deixar muito desgostoso o espectador.

O José Tavares, esse,—como na forma do costume—com os seus gestos e apertes entreteu a plateia.

Hoje retirou esta companhia para Braga, onde tambem hoje tencionava exhibir-se.

SOCIEDADE

ANIVERSARIOS

Passam:
Hoje, o da Ex.ª Senhora D. Noemia Valongo de Albuquerque amantissima esposa do nosso querido amigo sr. Antonio Cardoso de Albuquerque.

Amanhã, o do sr. Antonio Gomes de Sousa.

Terça feira, 12, o da interessante menina Maria Julia, filha do nosso preclaro amigo sr. Antonio Julio de Castro.

Cumprimentamos em «A Opinião» o nosso amigo e assinante sr. Antonio Vasconcelos, estimado proprietario de Vila Cova.

—Esteve hontem em Viana do Castelo o nosso amigo e distinto advogado desta cidade, sr. dr. Lima Torres.

Cumprimentamos no Porto o nosso amigo sr. Augusto Soucasaux.

A propósito deste complicado caso, fomos, um destes dias, procurados, nesta redacção, pelos srs. Francisco Paula dos Santos e Dr. Aurélio Augusto de Queirós, médico, ambos residentes em Barcelinhos.

No número passado deste bi-semanário, contamos «mais ou menos» uma conversa que o sr. Paula dos Santos comnosco havia tido a quando da sua solicitação dum comunicado já dado à publicidade.

Costumamos usar da máxima lealdade em todos os actos e, no caso presente, nada mais natural que qualquer equívoco na conversa trocada. Nós estamos convencidos que, as explicações do sr. Paula dos Santos se passaram tal qual as expuzemos; como, porém S. Ex.ª insiste em afirmar que, num ponto, existe equívoco, ou da sua ou da nossa parte, nada nos custa aceder à sua solicitação.

Pelo que os srs. Paula dos Santos e Dr. Aurélio Queirós contam, agora, o que com eles dois e o sr. Roque da Silva se passou é diferente do que foi aqui relatado.

E então explicaram-nos essa ocorrência, pouco mais ou menos, por estas palavras:

Um dia o sr. Dr. Aurélio Queirós, por virtude do importante duma contribuição relaxada que achou exagerado, apresentou queixa na Direcção Distrital de Finanças.

Aquela entidade officiou ao chefe da nossa Repartição chamando a atengão para o caso, e, então, o sr. Roque da Silva encontrando-se com o sr. Dr. Aurélio Queirós, manifestou-lhe o seu pezar por tal queixa. Este retorquiu-lhe que não tinha tido a intenção senão de demonstrar os abusos e inconveniências do sr. Jaime Real que o havia recebido desabrida e insolentemente, o que não podia desculpar.

Nesse momento aludiu tambem a um caso identico passado com o sr. Alfredo Esteves da Costa.

E voltando-se para o sr. Roque da Silva, o sr. Dr. Queirós disse-lhe: O sr. não tem pulso forte para dirigir o pessoal desta Repartição; o sr. precisa de ter mais energia porque aqui há sempre irregularidades.

O sr. Roque da Silva prometeu harmonizar o incidente do sr. Dr. A. Queirós e restituir-lhe parte do dinheiro das custas, o que nunca mais se deu, porque o sr. Dr. Queirós tambem não mais quis saber do caso. Este facto passou-se há meses.

Recentemente o sr. Roque da Silva procurou o sr. Paula dos Santos, pedindo-lhe

para ir depôr contra o aspirante sr. Esteves da Costa e disse-lhe: Como os srs. são inimigos e tambem porque o sr. Dr. Queirós, que conhece varias irregularidades, me informou de que o sr. sabia de outras de não menos valor, espero me preste tal obséquio. Expressando-se em seguida do modo que relatamos no n.º passado.

O sr. Paula dos Santos respondeu assim ao sr. Roque da Silva: Então se soube dessas coisas pelo sr. Dr. Queirós e éle as conhece, porque é que não vai éle depôr?

—Resposta pronta do sr. Roque da Silva:—E' que éle não lhe convem até por ser o médico aqui de Barcelinhos...

Estará agora bem, ou serão precisas novas rectificações?

Final, propriamente para a nossa causa, tudo ficou como estava. As conclusões a tirar são as mesmas, sómente um pouco mais agravadas mercê das declarações do sr. Dr. Aurélio Queirós que, pelas suas próprias palavras reconhece as irregularidades da Repartição de Finanças e a falta de pulso forte e energia no seu chefe para dirigir os serviços.

Mantem-se tambem de pé a afirmativa, já anteriormente feita, de que o sr. Paula dos Santos, a convite do sr. Roque da Silva é que se prestou a depôr contra o aspirante sr. Esteves da Costa de quem é inimigo pessoal.

O sr. Dr. Aurélio Queirós, embora nos não explanasse, por minúcias, as irregularidades de que mostrou ter conhecimento, a elas se referiu semi-veladamente, declarando até não querer ser delatôr.

A nosso ver S. Ex.ª, se quiser ser justo e imparcial dizendo tudo que sabe seja contra quem fôr, mas de modo que não se preste a acusar uns, deixando na penumbra o que conhece dos outros, inclusivamente do próprio chefe da Repartição a quem considera sem qualidades de energia e pulso forte, muito poderia contribuir para o esclarecimento desta importante questão.

No entanto essa attitude fica da conta do sr. Dr. Aurélio Queirós que procederá como lhe aprover, embora o seu nome já não possa ser disjungido da causa em foco.

O imbróglio continúa a indicar-nos que, o único caminho a seguir é colocar à frente da nossa Repartição de Finanças um chefe competente e com as indispensáveis qualidades morais e profissionais inherentes a esse cargo.

E' isso que «O Barcelense», como delegado da opinião monárquica concelhia e nós, como representantes da vontade republicana, temos reclamado interpretando o sentir dos contribuintes.

Já depois de escrita esta noticia, recebemos, assinada pelo sr. Francisco Paula dos Santos, uma extensa carta em que, compondo, agora, com certa e estudada habilidade um arranjo de rectificação à conversa trocada comnosco e já aqui publicada, tenta dar a essa conversa, pelo emprêgo de frases diferentes e periodos organizados noutro sentido, uma diversa directriz.

Não podemos dar-lhe publicidade não só por ser muito extensa como ainda por não expressar a verdade do que entre nós se passou.

Temos toda a consideração pelo sr. Paula dos Santos, mas não podemos ter menos pela nossa própria dignidade.

A' conversa que entre nós se passou, nada temos a aliterar senão a parte já acima rectificada; e esta pelo facto de o equívoco, que se podia ter dado, ser desfeito pelo testemunho directo do sr. Dr. Aurélio Queirós na presença do próprio sr. Paula dos Santos.

Se o sr. Paula dos Santos não se recorda do que disse ou procura, agora, estudadamente, imprimir-lhe outro aspecto, nós é que disso não temos culpa.

Como algumas pessoas desta redacção assistiram à conversa entre nós trocada, indagamos, estabelecendo o «controle» entre o que aqui escrevemos e a sua carta

Auto-Reparadora

Rua Manoel Viana

Em frente ao quartel da G.N. Republicana
BARCELOS

MACHADO & ESTEVES

DE

Officina montada com todos os requisitos para reparações em automoveis, motos, magnetos, dinamos, maquinas industriais, etc.—Soldaduras a autogénio e carga de baterias.—Venda de gazolina, oleos, pneus e accesorios.—Recôlha e lavagem de carros.

Esta officina é dirigida tecnicamente pelo socio EMILIO MACHADO, ex-mecanico da Garage Barcelense, desta cidade.

«A Opinião»		CALENDRARIO	
PREÇO DE ASSINATURA		Março 1929	
Barcelos e Concelho			
Ano	18\$00	D	3 10 17 24 31
Semestre	9\$00	S	4 11 18 25
Trimestre	4\$50	T	5 12 19 26
Provincia			
Ano	20\$00	Q	6 13 20 27
Semestre	10\$00	S	7 14 21 28
Estrangeiro			
Ano	40\$00	S	1 8 15 22 29
		S	2 9 16 23 30

ANUNCIO

A Camara Municipal de Barcelos

Torna publico que até ás 14 horas do dia 25 do corrente, se receberão propostas em carta fechada, para a demolição e construção da fachada da casa pertencente ao cidadão José Joaquim d'Oliveira Fernandes, sita na Avenida Alcaldes de Faria, desta cidade.

As condições e caderno e encargos desta arrematação estão patentes na secretaria da Camara onde podem ser examinados.

Barcelos e Camara Municipal, 2 de Março de 1929. E eu Secundino Pereira Esteves, chefe da secretaria, o subscrevi.

O Presidente do Comissão Administrativa.

Francisco Caravana

Aluga-se

Uma casa em Barcelinhos, na rua Alcaldes de Faria, 36, com 2 quartos, uma sala, cosinha e quintal.

Falar na mesma.

Vende-se

Uma comoda «pau caixão», e uma mezinha de cabeceira, em nogueira, com duas taças de marmore, tudo em bom estado.

Para ver, marcenaria do sr. Francisco Alves Simões Barcelinhos.

Quereis dinheiro?

Jogai no

Lama

Rua do Amparo, 51 — Lisboa

PREÇOS

Bilhetes a 180\$00, meios a 90\$00, quartos a 15\$00, decimos a 18\$00, vigessimos a 9\$00, e cauletas a 5\$00.

Pelo correio mais \$80 para registo.

Atende todos os pedidos da Provincia.

SEMPRE SORTES GRANDES

REPUBLICANOS — Assinai divulgai «A OPINIÃO»

GARAGE BARCELENSE

Consignataria da Vacuum Oil Company e agente Ford.

Aluguer de automoveis, reparações, recolha e lavagem. Venda de gasolina, oleos, pneus e acessórios.

LARGO JOSÉ NOVAIS — BARCELOS

SUCURSAIS

Avenida Alcaldes de Faria e brevemente uma outra, tambem em porto central

PASSAPORTE E PASSAGENS



— PARA O —

Brazil, America do Norte, França, Cuba, Argentina ou qualquer paiz

João de S. Pimenta (João da Oficina)

Campo da Feira (em frente ao Senhor da Cruz) — Barcelos

SERIEDADE, ECONOMIA E RAPIDEZ



VENDE FOTOGRAFIA SOUCASAUX

Os Gramofones

«His Master's Voice»

Manifestam sempre a sua superioridade, afirmando-a mais ainda quando em confronto com outros.

GRANDE VARIEDADE DE DISCOS

A VENDA NO

Centro de Novidades BARCELOS

HOTEL CENTRAL

Não é um Hotel de 1.ª, mas é de 1.ª o tratamento

AUTOMOVEIS

E

LIMOUSINE DE LUXO

PARA SERVIÇOS DE ALUGUER

José Perestrelo

LIMOUSINE DE LUXO

PARA ALUGUER A PREÇO DE QUALQUER CARRO

PROPRIETARIO

CARLOS SOUZA

Sacos de Papel

Primeira 1\$55 Segunda 1\$20

Pedidos a

Ferreira Dias, Lim. da Barcelos

EMPRESTIMOS À LAVOURA

Os Lavradores e proprietarios que lesejem obter dinheiro em c/ corrente com a Caixa Geral dos Depósitos a juro de 8 1/2 por cento, tem vantagens em dirigir-se ao Sindicato Agricola.

Mannel Esteves Limitada

Campo da Republica — Barcelos

Cal branca e hidraulica, cimento, adubos quimicos, sal e outras mercadorias.

Fabrica Ceramica do Patarro (TELHA E TIJOLO)

RITA GUIMARÃES

Parteira-Enfermeira

Parteira do partido municipal, partos, tratamentos e injeções. Chamadas a toda a hora

Campo de S. José, 46 1.º BARCELOS

TRABALHOS GRAFICOS

DE TODO O GENERO PARA O COMERCIO — LIVROS — REVISTAS — JORNALS, ETC.

Officinas montadas com material aperfeiçoado e movidas a electricidade, aptas a executar com urgencia, perfeição e economia qualquer trabalho de impressão a * uma e mais cores. *

TIPOGRAFIA ENCAD. E PAPELARIA FERNANDO MARINHO BARCELOS

«A OPINIÃO» é o jornal de maior expansão de Barcelos

Folhetim de «A OPINIÃO» N.º 37

ARNALDO GAMA

O Sargento - Mór de Vilar

Episodios da invasão dos francezos em 1809

E os dous, o morgado e o sargento, pondo-se de pé, começaram com olhos turvos e enfurecidos a vociferar um contra o outro, falando ao mesmo tempo e atroando os ares tão estrepitosamente que não deixavam ouvir a voz de Vasco Mendes, que impunha irritadamente silencio.

A entrada do lacaio, que veio anunciar, que o café ia ser servido na sala visinha, despartiu finalmente a contenda. Os convivas ergueram-se, e começaram a dirigir-se para a sala indicada com passos mais pesados e menos firmes, do que tinham vindo para a meza.

— Snr. João Peres Vilalobos, — disse então Vasco Mendes gravemente — desejo falar-lhe em particular. Peço-lhe por isso que me acompanhe ao meu gabinete.

Estas palavras troaram como um trovão nos ouvidos do sargento-mór de Vilar; quasi que o desembriagaram completamente. Aquella paridade em tal ocasião cheirava-lhe assim a modo de pedido de emprestimo, e o bom do sargento achava-se, ao tempo, inteiramente desprevenido de dinheiro. Mas negar dinheiro a Vasco Mendes, ao irmão do seu Fernão Silvestre, ao homem em cuja casa a filha lhe fôra educada, era cousa que ele não comprehendia como podêsse fazer-se, sobretudo depois de tão succulento jantar. Mas como aceder ao pedido, se estava sem mealha? Agitado por estes pensamentos, seguiu sem replicar apoz o fidalgo, e com ele se encaminhou como autónato, como fulminado por medonho pesadelo, para o gabinete particular.

Chegado aí, Vasco Mendes aproximou duas pesadas cadeiras de braços, sentou-se numa, e convidou João Peres a sentar-se na outra. Este, boquiaberto e sem saber o que havia de fazer para sair-se airoosamente e a seu sabor da entaladura imminente, desfazia-se em me-uras ceremoniosas, sem atinar a sentar-se. Apertado por Vas-

co Mendes, sentou-se por fim.

Este fitou-o um momento como tambem violentamente embaraçado; por fim rompeu desta fórma o silencio:

— Eu, snr. João Peres de Vilalobos, sou o representante de uma familia antiquissima, cuja fidalguia se perde atravez dos seculos, e é uma das mais notaveis de Portugal...

— Sinto muito, meu bom amigo snr. Vasco Mendes...

— Eu é que sinto, snr. João Peres, eu é que sinto que vocecê não posua igual nobreza, como é merecedor, e era preciso que tivesse para que se realisassem os seus e meus desejos. Mas para que desculpe o meu procedimento, o qual é filho dos deveres que a minha fidalguia me impõem, quero que saiba bem a fundo a antiguidade da minha familia e a sua grande nobreza. Para isso basta...

— O meu grande amigo, eu sei o muito bem, faço dela perfeita ideia. Mas é que na presente ocasião...

— Na presente ocasião é que é preciso mais que nunca que vocecê a conheça. Não quero que me tenha na conta de ingrato á sua provadissima amisado...

— Oh! meu bom amigo, eu sei muito bem... eu sei muito bem... Vá-lha-me Deus! Mas emfim eu verei cá darei as minhas voltas, e tudo ha-de arranjar, tudo se ha-de arranjar.

— Arranjar! repetiu Vasco Mendes sorrindo com tristeza — arranjar! felizmente é impossivel arranjar nada; e, para que vocecê o reconheça e me dê razão, é que desejo que saiba bem a fundo a fidalguia da minha linhagem. Para isso basta cite-lhe as relações de parentesco de dous illustres e antiquissimos ascendentes meus. Peço-lhe que me escute sem interromper.

O sargento-mór esfregou com força a testa, porque entendia cada vez menos o fidalgo, e principiava a desmuntar. Do que ouvia, entolhava-se com a questão, felizmente, não respeitava a dinheiro. Mas o que que Vasco Mendes dizer com todo aquelle extenso arancel genealógico! Esfregou pois a testa com toda a força, e fitou os olhos muito abertos e muito curiosos:

(Continua)